

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

**Características de Jovens Agressores Sexuais:
Especialistas vs. Generalistas**

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

DÉBORA MARLISA SILVA PEREIRA

Orientador: Professor Doutor Ricardo Barroso



Vila Real, janeiro 2015

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

**Características de Jovens Agressores Sexuais:
Especialistas vs. Generalistas**

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Débora Marlisa Silva Pereira

Professor Doutor Ricardo Barroso

Composição do Júri:

Vila Real, janeiro 2015

Agradecimentos

A concretização deste trabalho só foi possível graças ao esforço de muitas pessoas que, de forma direta ou indireta, contribuíram significativamente para a sua realização e para o meu enriquecimento pessoal.

Ao Professor Doutor Ricardo Barroso pela sua notável orientação, pela disponibilidade, ajuda e apoio incondicional, mas também pelo conhecimento e experiência que comigo partilhou ao longo deste processo.

À Direção Geral de Reinserção Social e Serviços Prisionais pela disponibilidade demonstrada para colaborar nesta investigação.

A todos os jovens que participaram neste estudo, sem o contributo dos quais a realização deste trabalho não seria possível.

À Pauliana Magalhães pela cooperação neste projeto e pela partilha de dúvidas, incertezas e experiências ao longo deste processo.

À minha família pela confiança que sempre depositou em mim e sobretudo pela segurança e carinho que me transmitem todos os dias e sem o qual não teria conseguido cumprir este desafio.

Ao Pedro, por tudo o que representa na minha vida, pelas palavras de incentivo nos momentos mais difíceis e, particularmente, pela capacidade de estar sempre presente mesmo à distância.

A todos, muito obrigada!

Índice

Agradecimentos.....	v
Lista de Tabelas.....	ix
Lista de Siglas e Acrónimos.....	x
Introdução.....	xi

I PARTE**Jovens Agressores Sexuais Especialistas e Generalistas: Revisão teórica**

I Parte – Artigo Teórico	1
Resumo.....	5
Abstract	6
Introdução.....	7
Delinquência Juvenil	8
Violência Sexual Juvenil.....	11
Fatores de risco para o surgimento da violência sexual juvenil	12
Teorias explicativas da violência sexual juvenil	15
Jovens Agressores Sexuais.....	17
Jovens Agressores Sexuais Especialistas e Generalistas.....	19
Conclusão	22
Referências	24

II PARTE**Características de Jovens Agressores Sexuais: Especialistas vs. Generalistas**

II Parte – Artigo Empírico.....	29
Resumo.....	33
Abstract	34
Enquadramento teórico	35

Método	37
Participantes.....	38
Instrumentos	39
Grelha de recolha de dados processuais	39
Questionário de Agressão (QA)	39
Escala de Fantasias Sexuais de Wilson (EFS-W).....	40
Inventário sobre a Vinculação para a Infância e Adolescência (IVIA).....	41
Procedimentos	42
Resultados	44
Discussão.....	47
Referências	52

Lista de Tabelas

- Tabela 1 Resultados obtidos com a MANOVA relativamente aos comportamentos agressivos nos três grupos de jovens agressores
- Tabela 2 Resultados obtidos com a MANOVA em relação à presença de fantasias sexuais nos três grupos amostrais
- Tabela 3 Resultados obtidos através da MANOVA relativamente aos estilos de vinculação nos três grupos de agressores

Lista de Siglas e Acrónimos

DGRSP	Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais
EFS-W	Escala de Fantasias Sexuais de Wilson
IATSO	International Association for the Treatment of Sex Offenders
IVIA	Inventário para a Vinculação na Infância e Adolescência
MANOVA	Análise de Variância Multivariada
JAS	Jovens Agressores Sexuais
JAS-G	Jovens Agressores Sexuais - Generalistas
JAS-E	Jovens Agressores Sexuais - Especialistas
JAN-S	Jovens Agressores Não-Sexuais
QA	Questionário de Agressão
SPSS	Statistical Package for Social Sciences

Introdução

A violência sexual juvenil tem vindo a conquistar, ao longo das últimas décadas, um lugar de relevo nas investigações a nível internacional, começando também a surgir os primeiros estudos em território nacional. As investigações centram-se, essencialmente, na pesquisa e análise de fatores capazes de explicar o envolvimento dos jovens em comportamentos sexualmente agressivos, como forma de disponibilizar recursos clínicos e legais adequados para intervir junto destes jovens. No sentido de compreender as agressões sexuais cometidas por jovens adolescentes surgiram duas perspetivas teóricas. A perspetiva generalista que faz referência à agressão sexual enquanto manifestação de tendências delinquentes e comportamento antissocial presentes na estrutura comportamental do jovem e que, por isso, não distingue os jovens agressores sexuais (JAS) dos restantes jovens agressores não-sexuais (JAN-S). A abordagem especialista, por sua vez, defende que os JAS apresentam características e fatores de risco específicos que os diferenciam dos demais jovens agressores, necessitando de estratégias de avaliação e intervenção especializadas. Apesar de existir uma maior tendência para a validação da perspetiva generalista, permanecem por esclarecer muitos dos fatores que podem diferenciar JAS de JAN-S. Esta investigação surge como forma de contribuir para o estudo do comportamento sexual dos jovens, esclarecendo qual das perspetivas parece mais adequada para explicar as características da população de JAS. O conhecimento das especificidades destes jovens permitirá por um lado compreender se os fatores de risco da delinquência são igualmente capazes de explicar o surgimento da violência sexual juvenil e, por outro lado, proporcionar informação relevante do ponto de vista da avaliação e intervenção clínica e forense.

Estruturalmente, a dissertação de mestrado aqui apresentada é composta por duas partes: a primeira parte corresponde à componente teórica do estudo onde se apresenta um

breve enquadramento teórico com base nos resultados de várias pesquisas teóricas e empíricas no âmbito da delinquência juvenil e da violência sexual juvenil. A segunda parte, apresentada através de um artigo científico, diz respeito a um estudo empírico que teve como objetivo analisar algumas variáveis que auxiliem na compreensão do comportamento sexualmente agressivo dos jovens, através da análise das diferenças entre JAS especialistas e generalistas e JAN-S. Na fase final deste artigo empírico são apresentadas as conclusões e reflexões do estudo, à luz do enquadramento teórico apresentado, bem como as implicações dos resultados alcançados e as limitações do estudo.

I PARTE

ARTIGO TEÓRICO

Jovens Agressores Sexuais Especialistas e Generalistas: Revisão teórica

Débora Pereira & Ricardo Barroso

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Nota do autor

Débora Pereira e Ricardo Barroso, Departamento de Educação e Psicologia,
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Correspondência acerca deste artigo deve ser endereçada para Débora Pereira,
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Departamento de Educação e Psicologia,
Quinta de Prados, Edifício Complexo Pedagógico - Apartado 1013, 5001-801 Vila Real. E-
mail: marlipereira_67@hotmail.com

Resumo

A violência sexual juvenil é frequentemente considerada um comportamento delinquente específico que surge associada a fatores etiológicos distintos de outros comportamentos agressivos. Em termos teóricos, existem duas perspectivas que tentam compreender as agressões sexuais cometidas por adolescentes. A perspectiva generalista menciona que os atos sexuais agressivos praticados por jovens surgem como manifestação de tendências delinquentes genéricas e como parte integrante de um padrão comportamental antissocial. A abordagem especialista sugere que os jovens agressores sexuais se distinguem dos demais agressores juvenis, uma vez que apresentam características e fatores de risco específicos que explicam a sua envolvimento em comportamentos sexuais agressivos. O objetivo do presente artigo é fazer uma revisão teórica da literatura existente referente à violência sexual cometida por jovens, fazendo a distinção entre jovens agressores sexuais especialistas e generalistas. Os vários estudos analisados sugerem a perspectiva generalista como a mais predominante, confirmando as semelhanças entre jovens agressores sexuais e jovens agressores não sexuais. Apenas uma minoria de jovens agressores sexuais comete apenas crimes sexuais e apresenta fatores de risco específicos que os distingue dos restantes jovens agressores, destacando-se como mais relevantes a história de abuso sexual na infância e os interesses sexuais atípicos. As desigualdades encontradas entre jovens agressores sexuais especialistas e generalistas reforçam a ideia da heterogeneidade desta população e a necessidade de criar medidas de avaliação e intervenção adequadas às particulares de cada tipologia de agressores sexuais juvenis.

Palavras-chave: jovens agressores sexuais, especialistas, generalistas

Abstract

Juvenile sexual violence is frequently considered a specific kind of delinquent behavior which emerges associated to different etiological factors of other aggressive behaviors. In theoretical terms, there are two perspectives that attempt to explain sexual aggressions carried out by juveniles. The generalist perspective states that aggressive sexual acts by juveniles emerge as a manifestation of generic delinquent tendencies and as an integrant part of an anti-social behavioral pattern. The specialist approach suggests that juveniles sex offenders stand out from other juvenile offenders in the sense that they present specific characteristics and risk factors that explain their involvement in aggressive sexual behaviors. The aim of this article is to conduct a theoretical review of existing literature in what concerns sexual offences carried out by juveniles, making the distinction between generalist and specialist juvenile sex offenders. The various studies reviewed suggest the general perspective as the most prevalent, confirming the similarities between young sex offenders and juvenile non-sexual offenders. Only a minority of juvenile sex offenders commits exclusively sexual crimes and present specific risk factors that distinguish them from the remaining sexual offenders. Especially significant risk factors are a history of sexual abuse in the childhood and atypical sexual interests. The inequalities found between specialist and generalist juvenile sex offenders reinforce the idea of the heterogeneity of this population and the need to create evaluation and intervention initiatives that are suited to the particularities of each typology of juvenile sex offenders.

Keywords: juvenile sex offenders, specialists, generalists

Jovens Agressores Sexuais Especialistas e Generalistas: Revisão teórica

A violência sexual juvenil tem sido alvo de muitas pesquisas quer no âmbito clínico quer a nível político e judicial. Desde há várias décadas que as políticas públicas têm tentado dar resposta a este fenómeno, que é visto pela opinião pública como um dos comportamentos criminosos mais repudiante, sobretudo quando é cometido por jovens adolescentes (Pullman & Seto, 2012). Numa fase inicial as investigações centravam-se sobretudo no estudo dos agressores sexuais adultos, no entanto a necessidade de perceber o que leva alguns jovens a envolver-se em comportamentos sexuais agressivos, conduziu à expansão dos estudos no âmbito da violência sexual juvenil. Atualmente, a literatura acerca dos JAS é ampla e tem permitido comprovar a heterogeneidade deste grupo de agressores, como tal têm sido várias as tentativas de classificar estes jovens, seja com base no tipo de crime cometido (Barroso, 2012; Freeman, Dexter-Mazza & Hoffman, 2005; Jespersen, Lalumière & Seto, 2009; Put, Vugt, Stams, Dekovic & Laan, 2013; Wijk et al., 2005; Wijk et al., 2006), nas características das vítimas (Epps & Fisher, 2004; Hart-Kerkhoffs, Doreleijers, Jansen, Wijk & Bullens, 2009; Hunter, Figueiredo, Malamuth & Becker, 2003; Kemper & Kistner, 2010) e mais recentemente com base na história de comportamento antissocial (Butler & Seto, 2002; McCuish, Lussier & Corrado, 2014; Wolf, 2008). Alguns autores (Chu & Thomas, 2010; Pullman, Leroux, Motayne & Seto, 2014; Pullman & Seto, 2012; Soothill, Francis, Sanderson & Ackerley, 2000; Voller, Long & Aosved, 2009) têm também dirigido a sua atenção, tal como esta investigação, para o estudo de duas tipologias distintas de JAS, os jovens agressores sexuais especialistas (JAS-E), que cometem apenas crimes sexuais, e os jovens agressores sexuais generalistas (JAS-G), que para além de se envolverem em atos sexuais agressivos cometem também crimes não-sexuais. Para compreender as diferenças entre estes grupos existem, atualmente, duas perspetivas elucidativas. A primeira, denominada perspetiva generalista, sugere que os crimes sexuais cometidos por adolescentes resultam de uma

manifestação de tendências delinquentes gerais, onde as agressões sexuais representam apenas uma parte do comportamento antissocial do jovem. De acordo com esta perspectiva, os JAS assemelham-se aos JAN-S, pois partilham as mesmas características e fatores de risco, bem como as mesmas necessidades de avaliação e intervenção. Em segundo lugar, a perspectiva especialista sugere que os JAS se constituem como um grupo singular, que pelas suas características particulares se distingue dos restantes jovens agressores e que, por isso, carece de intervenções individualizadas. As discussões em torno destas duas perspectivas têm dado maior ênfase à abordagem generalista, no entanto estudos recentes têm identificado particularidades que distinguem claramente os JAS dos restantes delinquentes, nomeadamente diferentes níveis de comportamento antissocial, consumo de substâncias, uso de armas, traços de personalidade antissocial, história de abuso físico, habilidades sociais, interesses sexuais e relacionamento interpessoal (Pullman et al., 2014).

O propósito do presente artigo foi não só o de analisar o estado da arte no âmbito da violência sexual juvenil, mas também contribuir para a discussão acerca da perspectiva que melhor sustenta o comportamento sexual agressivo dos jovens menores de idade, através da comparação entre JAS (especialistas e generalistas) e JAN-S. Para tal foi feita a análise de vários artigos teóricos e empíricos acerca da temática, cujos resultados se descrevem, em seguida, nesta revisão bibliográfica.

Delinquência juvenil

A delinquência juvenil tem sido alvo de inúmeras pesquisas nas diferentes vertentes das ciências sociais e humanas, as quais se têm debruçado não só na elucidação dos comportamentos cometidos pelos jovens, mas também na prevenção da delinquência. O termo *delinquência* surge associado a todos os comportamentos ilegais e antissociais, que impliquem o prejuízo de terceiros ou mesmo da sociedade em geral (Vermeiren, 2003). O conceito de *delinquência juvenil* emerge na sociedade como forma de explicar os comportamentos

praticados por menores que transgridem alguma das leis penais (Loeber, Stouthamer-Loeber, & Farrington, 2008). Se, por um lado, a delinquência juvenil se associa ao incumprimento das leis e normas vigentes na sociedade - a chamada criminalidade -, por outro lado está associada à manifestação de comportamentos desajustados que emanam, muitas vezes, de um contexto familiar e social degradado. Nesta perspectiva, a delinquência juvenil não pode ser vista apenas como o desrespeito das normas legais e da moral comum, uma vez que os atos delinquentes cometidos pelos jovens podem estar associados a variados fatores e não serem praticados meramente pela infração em si (Ferreira, 1997). Nas diversas tentativas de compreender o que sustenta a delinquência juvenil, aparece, muitas vezes, a designação de *comportamento antissocial* como forma de abranger todo o tipo de problemas comportamentais dos jovens, que não são necessariamente delinquentes (e.g., consumo de substâncias) (Loeber et al., 2008). A este respeito, Moffit (1993) desenvolveu uma teoria taxonômica que faz uma clara distinção entre agressores com comportamento persistente ao longo da vida e jovens agressores apenas na adolescência, com base no histórico de comportamento antissocial. De acordo com a autora os agressores de longo curso são caracterizados por problemas persistentes de comportamento antissocial, condutas de oposição e desafio, que têm início em idade pré-escolar e se mantêm até à idade adulta. Tais comportamentos parecem estar associados a défices neuropsicológicos e à fraca capacidade intelectual comuns neste grupo de agressores. Já os jovens agressores com comportamento delinvente limitado à adolescência, por norma, não apresentam problemas de comportamento associados, ostentando habilidades sociais adequadas, desempenho académico favorável e boas capacidades cognitivas, o que pode ter influência na extinção do comportamento delinvente a curto prazo. Farrington, Loeber e Jolliffe (2008) salientam que as transgressões praticadas por crianças e adolescente podem emergir ainda durante a infância, por volta dos 10-12 anos, no entanto é durante a fase

da adolescência (16-19 anos) que atingem o seu auge, tendendo a decrescer com o início da idade adulta.

De acordo com Hoeve et al. (2012) a vinculação tem sido considerada como um importante fator de risco da delinquência juvenil. Conforme declara a teoria do controle social (Hirschi, 1969), a vinculação desempenha um papel fundamental na interiorização das normas vigentes na sociedade, por parte das crianças. Sendo que os jovens cujos laços afetivos com as figuras parentais são de forte ligação se revelam menos propensos para o comportamento delincente, pois revelam uma maior preocupação com as expectativas dos pais acerca dos filhos. Por sua vez o estabelecimento de vínculos fracos entre pais-filhos tende a aumentar a probabilidade dos jovens se envolverem em comportamentos delinquentes. Dentro da mesma linha de pensamento, a teoria da vinculação (Bowlby, 1973) declara que as relações conturbadas entre mãe-filho ou a interrupção dessa relação, pode propiciar no jovem fraca capacidade para demonstrar afeto ou preocupação com os outros, levando-o a exibir comportamentos agressivos e delinquentes. Num estudo realizado por Buschgens et al. (2010) os jovens com falta de afeto parental, níveis elevados de rejeição ou superproteção por parte dos pais foram descritos como mais agressivos e delinquentes tanto no contexto familiar como no contexto escolar, o que vem comprovar os pressupostos das teorias anteriormente referidas.

Por sua vez Savage (2009) faz referência a uma forte ligação entre os maus tratos na infância e a delinquência ao longo da adolescência, o que pode ser explicado através do processo de modelagem relativamente aos comportamentos agressivos. Numa outra perspectiva, Ryan, Marshall, Herz e Hernandez (2008) acrescentam que a institucionalização se encontra fortemente associada à delinquência juvenil, pois grande parte dos jovens antes de terem contacto com o sistema judicial e de serem internados, encontravam-se já institucionalizados em lares de infância e juventude, longe das famílias de origem, que não

apresentavam condições para lhes fornecer os cuidados básicos necessários. A delinquência, por vezes, atinge o seu auge já nas instituições de acolhimento, uma vez que nesse contexto existe um maior risco de associação a pares desviantes, intensificando o comportamento delinvente, que conduz, muitas vezes, à aplicação de medidas tutelares educativas. Carvalho (2011) diz-nos que jovens que possuem familiares com antecedentes criminais apresentam também um maior risco de se envolverem em atos delinquentes, uma vez que tendem a emitir comportamentos vivenciados no contexto familiar. Para além disso, o elevado consumo de substâncias tem vindo igualmente a ser apontado como um forte preditor no desenvolvimento da delinquência juvenil.

Violência sexual juvenil

De entre o vasto leque de comportamentos desviantes que podem ocorrer durante a fase da adolescência e juventude, os comportamentos sexuais desajustados, que se constituem como crimes, são os que maior preocupação suscita. Apesar dos crimes de carácter sexual serem vistos pela sociedade como uma grave transgressão das leis sociais vigentes, quando comparados com outros crimes, só a partir dos anos 70 se começou a ter consciência que, de facto, os mais jovens também estavam por trás de uma percentagem (ainda que menor) de crimes sexuais. Tal facto tem vindo a despoletar um crescente interesse por parte de vários teóricos e deu origem às primeiras pesquisas tanto a nível científico como a nível clínico (Wijk, et al., 2006). Estudos estatísticos certificam que os menores são responsáveis por cerca de 20% de todas as agressões sexuais cometidas, e que 20 a 50% dos casos de abuso sexual de crianças e adolescentes serão igualmente praticados por menores de idade (Barbaree & Marshall, 2006). Finkelhor, Ormrod e Chaffin (2009) acrescentam que apesar da maioria das agressões sexuais cometidas por menores ser praticada por adolescentes, cerca de 16% dos agressores têm idade inferior a 12 anos. Atualmente, devido ao alarme social e ao impacto que este tipo de crimes causa na opinião pública (Pullman & Seto, 2012), os agressores sexuais

juvenis representam, manifestamente, tanto nacional como internacionalmente, uma inquietação a nível social, judicial, clínico e político (Chu & Thomas, 2010). Como forma de dar resposta a tais exigências, muito se tem pesquisado acerca dos fatores que possam estar na origem da violência sexual juvenil. No entanto, como estas atitudes podem ocorrer durante as primeiras explorações do comportamento sexual tem sido difícil clarificar, detalhadamente, quais os comportamentos sexuais próprios desta fase desenvolvimental (Barroso, Manita, & Nobre, 2011; Hart-Kerkhoffs et al., 2009). Para uma correta compreensão do desenvolvimento sexual dos adolescentes é necessário ter em conta, não só os fatores fisiológicos responsáveis pelo mesmo, mas também os fatores emocionais, interpessoais, cognitivos e socioculturais (Araji, 2004). Como forma de clarificar a conduta sexual normativa, Wolf (2008) considera que no contexto juvenil, se entende por comportamento sexual agressivo, toda e qualquer conduta que envolva “contacto sexual forçado ou coercitivo, ameaças de contacto, qualquer contacto sexual com uma criança muito mais jovem, ou qualquer comportamento sexual não consensual que viola os padrões convencionais” (p.7). Com base em diferentes estudos, Seto e Lalumière (2010) ressaltam que a violência sexual juvenil ocorre, grande parte das vezes, no seguimento de uma carreira delinvente, que vai adquirindo um grau de severidade cada vez mais acentuado. Como tal, é natural que muitos dos fatores de risco associados à delinquência juvenil possam igualmente estar na base do desenvolvimento de comportamentos sexuais agressivos por parte dos jovens (Put et al., 2013; Seto & Lalumière, 2010).

Fatores de risco para o surgimento da violência sexual juvenil

Grande parte das pesquisas nesta área tem focado a sua atenção nos fatores de risco associados à violência sexual juvenil (Huss, 2011). Estes fatores de risco podem ser endógenos, quando se prendem com características da do próprio indivíduo, com interesses sexuais atípicos ou com distorções cognitivas, que diminuem a inibição dos jovens em termos

sexuais aumentando a predisposição para o envolvimento em agressões sexuais; ou exógenos, quando o comportamento de risco é moldado por experiências/eventos de vida e fatores ambientais (e.g., vitimização sexual, influência dos pares) (Hunter, 2012). A meta-análise de Seto e Lalumière (2010) fornece-nos uma compilação exemplar (59 estudos) acerca dos fatores de risco mais apontados pela literatura. Os autores destacam a experiência de abuso sexual durante a infância como um forte preditor para o envolvimento em agressões sexuais ao longo da vida dos jovens, devido à ocorrência do processo de modelagem. Esta ideia é consistente com a hipótese abusado-abusador referida por vários autores (Jespersen et al., 2009; Seto & Lalumière, 2010), que tenta, de algum modo, explicar o impacto que a experiência de abuso sexual causa no desenvolvimento psicosexual de uma criança, aumentando a sua predisposição para a agressividade sexual ao longo da adolescência e da vida adulta. Seto e Lalumière (2010) concluíram que, posteriormente, estes jovens tendem a cometer crimes sexuais, sobretudo, contra crianças, o que na perspetiva de Hunter et al. (2003) pode dever-se às fracas habilidades sociais e aos elevados graus de pessimismo, que acabam por contribuir para o isolamento social destes jovens, levando-os a cometer crimes sexuais, enquanto satisfação das suas necessidades de intimidade até então insatisfeitas. Jespersen et al. (2009) defendem que o abuso sexual na infância é o fator que melhor prediz o desenvolvimento de comportamentos sexuais agressivos, uma vez que não exerce o mesmo tipo de influência na prática de outro tipo de crimes. Contrariando esta perspetiva, Wijk et al. (2006) referem que apesar do abuso sexual ser mais frequente em JAS do que em JAN-S, tal facto não prova que exista um relação causal entre o abuso sexual na infância e a futura agressão sexual, dado que nem todos os JAS tem historial de abuso sexual e nem todos os que sofreram abuso na infância se tornam futuros agressores sexuais. Assim, o abuso sexual não pode ser visto como a única causa para a agressividade sexual, pois normalmente os casos de abuso ocorrem num ambiente familiar degradado e concomitantemente com outros problemas

familiares e sociais (Jespersen et al., 2009). Para além do abuso sexual, também outros fatores de risco se têm revelado significativamente associados à violência sexual juvenil, nomeadamente baixa autoestima, abuso físico ou emocional, interesses sexuais atípicos (fantasias sexuais com crianças ou fantasias sexuais coercitivas) e exposição precoce a atos sexuais, pornografia ou violência sexual na família (Seto & Lalumière, 2010). Hunter et al. (2003) explicam que a exposição à violência doméstica e/ou sexual durante a infância fomenta nos jovens dificuldades de relacionamento interpessoal, e os comportamentos delinquentes surgem como meio de colmatar a frustração, aumentar a autoestima, e promover a aceitação por parte dos pares. Por sua vez, Barbaree, Marshall e McCormic (1998; citado por O'Reilly & Carr, 2004) acrescentam que a impulsividade, as dificuldades de relacionamento interpessoal, a fraca vinculação com as figuras parentais e o relacionamento familiar disfuncional, se constituem também como fatores de relevo no desenvolvimento da violência sexual juvenil. Nesta perspetiva McCormack, Hudson e Ward (2002) salientam que as relações interpessoais mais importantes na definição das competências de relacionamento com os outros são as relações estabelecidas com os progenitores ou cuidadores primários durante a infância. Assim, é possível que o tipo de vinculação na infância represente um fator um fator de vulnerabilidade para o desenvolvimento de comportamentos sexuais coercitivos (Smallbone & Dadds, 2000). De acordo com McCormack et al. (2002) os agressores sexuais experienciam com mais frequência uma vinculação insegura durante a infância. Comparativamente com os restantes jovens delinquentes os JAS tendem a estabelecer relações instáveis e de fraca interação com os cuidadores, marcadas por abandono, rejeição e fraca supervisão por parte destes. No estudo desenvolvido por Smallbone e Dadds (2000) comprovou-se a que a vinculação insegura desempenha um papel preponderante no desenvolvimento de comportamentos antissociais e sexualmente agressivos, todavia, apenas a vinculação insegura com a figura paterna se revelou significativamente associada ao

comportamento sexual coercitivo. Experiências de vinculação ansiosa com a figura materna somente se associaram de forma significativa com o desenvolvimento de comportamentos antissociais. Ainda a este respeito, Savage (2009) menciona que o tipo de vinculação não se tem revelado um fator de risco importante na delinquência a longo prazo, no entanto, Sigre-Leirós, Carvalho e Nobre (2013) afirmam que o despoletar do comportamento sexual agressivo pode ter origem numa infância caracterizada pela rejeição, abuso/negligência e vinculação insegura, que, por sua vez, causa nos jovens fortes sentimentos de indesejabilidade social, munindo-os de fracas competências sociais. Como forma de ultrapassar essas necessidades emocionais e sexuais, os adolescentes procuram envolver-se em comportamentos sexuais considerados desajustados. Por sua vez, uma vinculação segura proporciona um normal desenvolvimento humano, auxiliando no estabelecimento de relações ajustadas e de confiança.

Teorias explicativas da violência sexual juvenil

São várias as teorias multifatoriais que têm sido propostas para explicar a agressividade sexual e, embora a grande maioria tenha sido inicialmente desenvolvida para explicar os comportamentos sexuais agressivos cometidos por adultos, muitas delas têm, igualmente, servido de ferramenta de base para o estudo das agressões sexuais praticadas por menores. O grande dilema de muitas destas teorias é o facto de não fazerem uma distinção clara entre agressores sexuais e outro tipo de agressores não-sexuais, o que as torna incompletas. Todavia, muitos dos aspetos desenvolvimentistas que constituem essas teorias têm auxiliado no estudo e compreensão das diferentes tipologias de JAS. Aos poucos, tem sido possível conhecer e compreender um pouco melhor o início e o trajeto dessa agressividade sexual, auxiliando na prevenção, avaliação e tratamento da mesma (Seto & Lalumière, 2010). A primeira teoria a surgir foi concebida por Marshall e Barbaree (1990) e sugere que as experiências vividas durante a infância determinam o comportamento ao longo

da adolescência e vida adulta. Assim, os autores acreditam que as experiências adversas durante a infância, nomeadamente, a negligência e o abuso sexual, perturbam o inibidor responsável pelas tendências agressivas e sexuais, aumentando a probabilidade dos adolescentes se tornarem agressores sexuais, devido a falhas na capacidade de autorregulação. Outro dos pontos levantados nesta teoria prende-se com as eventuais dificuldades de relacionamento interpessoal, que surgem associadas às fracas competências sociais, normalmente presentes nestes jovens negligenciados. Assim, como forma de colmatar as relações mal sucedidas com os pares, tendem a envolver-se em atos sexuais agressivos e desajustados com pares, crianças ou adultos.

Posteriormente, Hall e Hirschman (1991, 1992) apresentaram uma nova teoria, designada como modelo quadripartido, que se baseia em quatro pressupostos básicos para explicar o comportamento sexual agressivo. São eles os distúrbios de personalidade, a desregulação afetiva, as cognições mal adaptativas e a excitação sexual por crianças ou pela coerção. Embora estes fatores possam exercer uma influência múltipla, a conduta agressiva de cada jovem é, normalmente determinada por apenas um destes fatores, e isso permite diferenciar os vários tipos de agressores sexuais. Por exemplo se o fator que melhor explica o comportamento sexual de um jovem é a desregulação afetiva, então é provável que cometa tanto crimes sexuais como não-sexuais e que para tal faça uso de um nível elevado de violência. As limitações deste modelo teórico prendem-se, com a falta de fundamentação que sustente o facto de cada fator ser mais preponderante para um jovem do que para outro e de que forma a interação dos vários fatores aumenta ou não a probabilidade de ocorrer agressão sexual.

Por fim, surge a teoria integrativa de Ward e Beech (2006), que tenta explicar o comportamento dos agressores sexuais através da integração de vários fatores individuais e socioculturais, destacando a predisposição genética, as experiências de abuso sexual ou físico,

a empatia, as distorções cognitivas, os problemas emocionais, as capacidades interpessoais e os interesses sexuais. De acordo com esta teoria os problemas de comportamento advêm da interação entre défices neuropsicológicos e fatores ambientais. Assim, os autores referem que os jovens agressores sexuais se diferenciam de outros jovens agressores, uma vez que a sua base genética, história de vida e contexto sociocultural atuam como mediadores do seu comportamento sexual. Assim, a agressão sexual é entendida como uma forma de lidar com os problemas emocionais (e.g., fantasias sexuais), conflitos e acontecimentos stressantes. Esta abordagem teórica tenta reunir as bases concetuais de outros modelos teóricos, no entanto, tal como as antecedentes, apresenta ainda algumas lacunas, pelo facto de não explicar com exatidão os fatores que poderão estar na origem das agressões sexuais, para que possam ser facilmente detetados aquando da avaliação destes jovens.

Fazendo um balanço entre os diferentes modelos teóricos é perceptível que apesar de cada um apontar fatores específicos que estão na base do comportamento sexual agressivo, todos fazem referência ao papel dos interesses sexuais atípicos enquanto desencadeador da agressão sexual (Seto & Lalumière, 2010).

Jovens Agressores Sexuais

O termo “jovem/adolescente agressor sexual” é utilizado para nos referirmos a jovens que cometem atos delinquentes de carácter sexual; jovens que, mesmo tendo consciência da ilegalidade dos factos, decidem desafiar o “ilícito”, correr riscos e experimentar novas sensações (Hayez, 2010). Os JAS são considerados um grupo bastante vulnerável, não só por existir uma maior propensão para o desenvolvimento de problemas de saúde mental, mas também devido à estigmatização de que são vítimas por parte da sociedade, uma vez que se constituem como potenciais predadores (Araji, 2004).

Nesta secção pretende-se explicitar se o perfil dos JAS se diferencia de outros agressores adolescentes, para tal é necessário fazer a comparação com JAN-S e perceber as

características que os possam distinguir ou aproximar. Lussier, LeBlanc e Proulx (2005) sugerem que os JAS não apresentam características psicológicas distintas dos demais jovens delinquentes, certificando que qualquer conduta delinquente violenta resulta de uma predisposição para a criminalidade em geral, associado a um reduzido autocontrole por parte dos indivíduos. O autor vê a violência sexual apenas como parte integrante dos típicos comportamentos antissociais associados à delinquência juvenil. Epps e Fisher (2004) referem até que o comportamento sexual agressivo dos adolescentes surge associado a um conjunto de práticas coercivas praticadas por adolescentes (e.g. bullying), não existindo a real intenção de obter qualquer benefício sexual. Contrariando a perspectiva destes autores, outros estudos (Pullman & Seto, 2012; Seto & Lalumière, 2010) têm demonstrado que apesar dos JAS partilharem vários aspetos em comum (e.g., traços de personalidade, atitudes antissociais, défices intelectuais, problemas sociais) com os JAN-S, há, de facto, algumas diferenças que os distinguem. A meta-análise realizada por Seto e Lalumière (2010) que compilou dados de 3855 JAS e 13393 JAN-S, demonstra-nos que o comportamento sexual agressivo não pode ser encarado apenas como uma mera manifestação de comportamentos antissociais. Os JAS quando comparados com os restantes jovens agressores apresentaram menor consumo de substâncias, menos antecedentes criminais e menor associação a pares delinquentes. No entanto demonstraram significativamente mais indicadores de ansiedade, baixa autoestima, isolamento social, experiência de abuso sexual, físico ou emocional, exposição precoce a sexo e pornografia, interesses sexuais atípicos e mais exposição a violência sexual na família. Relativamente aos interesses sexuais atípicos, Barroso (2012) refere que os JAN-S tendem a apresentar, claramente, mais fantasias sexuais exploratórias do que JAS, ou seja, demonstram maior abertura para experiências sexuais novas e diversificadas. No entanto relativamente às fantasias sexuais sadomasoquistas, que poderiam representar algum tipo de interesses sexuais desajustados, não se confirmam diferenças entre JAS e JAN-S. Um outro estudo recente

realizado por Put et al. (2013), no qual foram analisadas algumas diferenças entre JAS e JAN-S, constatou-se que os JAS vivenciam com mais frequência uma infância longe das suas famílias nucleares (sobretudo mãe e irmãos), quando comparados com JAN-S. Assim, considera-se que os JAS representam um grupo bastante heterogêneo, com características particulares, as quais devem ser avaliadas tendo sempre em conta os fatores de risco/protetores e até experiências de vida que modelam o comportamento dos jovens (Andrade, Vincent, & Saleh, 2006; Hunter, 2012). Integrando a informação teórica e empírica existente acerca dos JAS, Lambie (2009) propôs três diferentes tipologias de JAS: os que provêm de famílias organizadas e estáveis, que não apresentam problemas psicológicos associados e que não se envolvem noutra tipo de comportamentos agressivos não-sexuais; os JAS com graves problemas de conduta, comportamento antissocial e famílias problemáticas/disfuncionais; e os JAS com problemas de isolamento social, introversão, baixa autoestima e que abusam de crianças mais novas como forma de evitar a rejeição do grupo de pares.

Jovens Agressores Sexuais Especialistas e Generalistas

Como forma de clarificar mais detalhadamente os atos cometidos por JAS, várias pesquisas (Chu & Thomas, 2010; Pullman, Leroux, Motayne & Seto, 2014; Pullman & Seto, 2012; Soothili et al., 2000) têm tentado perceber quais os fatores etiológicos que determinam a tendência para o comportamento delinquente em geral e para a agressividade sexual em particular. Para compreender melhor os padrões de atuação dos JAS existem duas perspectivas que devem ser levadas em linha de conta. A perspectiva especialista, que de acordo com Pullman e Seto (2012) tenta explicar as diferenças existentes entre os JAS e os JAN-S, decifrando o que leva um jovem a cometer um crime sexual em detrimento de um crime não sexual. E a perspectiva generalista que se confirma quando não se verificam aspetos significativos que diferenciem os jovens que cometem crimes sexuais dos que cometem

crimes não-sexuais, acreditando-se assim, que o tipo de crime cometido resulta de uma tendência delinquente geral e não de uma predisposição específica. A este respeito Epps e Fisher (2004) atestam que as diferenças individuais de cada jovem definem a inserção do mesmo em diferentes tipologias de agressividade, aludindo à heterogeneidade dos JAS no que diz respeito aos seus padrões de atuação. Fazendo a analogia com a teoria taxonómica de Moffit (1993), Seto e Barbaree (1997) criaram duas tipologias distintas de JAS, a primeira com início em idade precoce e que se caracteriza pela forte presença de comportamento antissocial e problemas comportamentais crónicos e persistentes; e a segunda descrita por um começo mais tardio e sem historial de comportamento antissocial, por isso mais semelhante aos jovens não-agressores. Também Wolf (2008) se baseou neste modelo para fazer a distinção entre JAS-E (sem história de comportamento antissocial, mas com interesses sexuais desajustados) e JAS-G, que possuem historial de comportamento antissocial. Para o autor a agressão sexual praticada por JAS-G surge como parte integrante de um padrão comportamental antissocial, que se engloba na designada delinquência juvenil. Na meta-análise desenvolvida por Seto e Lalumière (2010) foi possível constatar que a grande maioria dos JAS são generalistas, o que indica que não foram encontradas diferenças relevantes comparativamente com agressores não sexuais. Uma minoria dos JAS pode, efetivamente, enquadrar-se na categoria dos especialistas, uma vez que têm associados alguns fatores de risco específicos já referidos anteriormente (Seto & Lalumière, 2010). A mais recente investigação realizada por Pullman et al. (2014) com JAS especialistas (n=71) e generalistas (n=87) facultou informação relevante acerca de outras características que parecem distinguir os dois grupos. Neste estudo o grupo de JAS-G revelou maiores indicadores de comportamento antissocial e história de abuso físico na infância, mais problemas psiquiátricos na família, mais traços de personalidade antissocial, mais consumo de drogas e uso de armas, menos habilidades sociais e maior probabilidade de pertencer a agregados familiares monoparentais.

Já o grupo de JAS-E apresentaram claramente mais interesses sexuais atípicos, maiores dificuldades nos seus relacionamentos amorosos, bem como, maior disposição para abusar de crianças do sexo masculino.

Genericamente, Lussier, Berg, Bijleveld e Hendriks (2012) defendem que os jovens que agridem apenas durante o período da adolescência apresentam uma menor propensão para se tornarem especialistas em crimes sexuais, ao contrário dos agressores de longo curso, que são quem mais se especializa em crimes desta natureza. Com base nos resultados da sua investigação, também Wolf (2008) considera que os JAS-G apresentam uma conduta mais idêntica à generalidade dos jovens delinquentes, já os JAS-E exibem características mais semelhantes aos jovens não-agressores. O autor refere ainda que enquanto os primeiros se envolvem em atos sexuais violentos devido à falta de empatia e preocupação com outros, os JAS-E tendem a cometer esse tipo de delitos devido à presença de um forte desvio sexual, que os impossibilita de controlar os seus impulsos sexuais. Ainda no que diz respeito aos padrões de atuação Chu e Thomas (2010) acrescentam que apesar dos generalistas fazerem uso de um nível superior de violência física e verbal durante as agressões, os JAS-E dirigem com mais frequência a sua agressividade sexual contra familiares. Estudos realizados com agressores sexuais adultos têm provado que, apesar de existir a ideia de que estes indivíduos são normalmente especialistas obstinados e reincidentes, o seu padrão de atuação tende a envolver uma multiplicidade de comportamentos criminais, o que valida a tese da homogeneidade dos criminosos, em detrimento da sua especialização apenas em crimes de carácter sexual (Magers, Jennings, Tewksbury, & Miller, 2009). A este respeito Farrington (1992) explica que ambas as abordagens são plausíveis, não existindo uma mais correta ou preponderante do que outra, simplesmente cada uma delas se encontra mais associada a determinado contexto. A abordagem especialista parece ser mais ajustada a indivíduos com carreiras criminais mais complexas e persistentes, enquanto que a perspectiva generalista se adequa melhor a casos de

delinquência menos grave que não implique pena judicial. Ao nível da reincidência, Chu e Thomas (2010) referem que existe uma elevada probabilidade de ambos os grupos se voltarem a envolver em agressões sexuais durante a adolescência, apesar da grande maioria dos estudos comprovar a extinção destes comportamentos antes da entrada na vida adulta (Finkelhor et al., 2009).

Conclusão

O estudo da violência sexual juvenil continua a ser uma área complexa de pesquisa, não só pela controvérsia existente em torno das várias abordagens teóricas, mas também pelo impacto negativo que este tema causa na sociedade em geral. Tal como foi discutido ao longo deste artigo, os fatores de risco da delinquência juvenil parecem não ser suficientes para explicar o comportamento sexual agressivo cometido por jovens, uma vez que se trata de um comportamento específico com contornos particulares. No entanto, a heterogeneidade e complexidade da população de JAS, tem gerado a necessidade de classificar estes jovens em diferentes categorias, como forma de determinar as especificidades e o percurso desenvolvimental de cada tipologia de agressores sexuais. Através da pesquisa efetuada constatou-se que grande parte dos JAS se enquadra na abordagem generalista, ao passo que uma minoria se encaixa na categoria dos delinquentes especializados em crimes sexuais. Embora muitos estudos acerca da etiologia das agressões sexuais juvenis apontem vários fatores que podem explicar estes comportamentos, a recente meta-análise realizada por Seto e Lalumière (2010) fornece-nos uma síntese bastante completa acerca da comparação entre JAS e JAN-S. Os fatores apontados que melhor parecem descrever a etiologia dos comportamentos sexuais agressivos são a experiência de abuso sexual, físico ou emocional durante a infância, os interesses sexuais atípicos, a exposição precoce ao sexo ou pornografia e os problemas de ansiedade, baixa autoestima e isolamento social.

Esta revisão teórica oferece-nos informação útil relativamente à distinção de dois subtipos de jovens agressores sexuais, auxiliando na resolução do problema da heterogeneidade desta população e fornecendo dados indispensáveis na avaliação e tratamento destes jovens. Assim, parece-nos evidente a necessidade de implementar metodologias de avaliação e intervenção diferenciadas e adequadas às características de cada grupo (Pullman & Seto, 2012; Wolf, 2008). As informações aqui analisadas permitem perceber que os JAS-G devem beneficiar de uma intervenção focada nos comportamentos antissociais, na regulação emocional, na empatia, no respeito pelos direitos e sentimentos das pessoas, bem como na exploração dos fatores de risco associados ao comportamento delinvente em geral. Por sua vez, a intervenção com os JAS-E deve ser mais específica e centrar-se nas distorções cognitivas voltadas para a sexualidade desajustada (Wolf, 2008). Lee, Jackson, Pattison e Ward (2002) destacam também o papel primário desempenhado pela prevenção, que no caso do comportamento sexual agressivo passa pela implementação de medidas básicas nos grupos de maior risco, recorrendo a programas de competências parentais e educacionais, evitando as adversidades que muitas vezes ocorrem durante a infância.

De uma forma geral, ainda que ao longo dos últimos anos tenha existido uma considerável expansão das investigações clínicas acerca dos fatores que motivam o comportamento sexual agressivo, parece-nos importante e necessário a realização de mais pesquisas que possam determinar de que forma os jovens agressores sexuais se distinguem uns dos outros, para estabelecer se existem diferentes caminhos que conduzam ao desenvolvimento e manutenção do comportamento sexual abusivo.

Referências

- Andrade, J. T., Vincent, G. M., & Saleh, F. M. (2006). Juvenile sex offenders: a complex population. *Journal of Forensic Sciences*, 51, 163-167. doi:10.1111/j.1556-4029.2005.00010.x
- Araji, S. K. (2004). Preadolescents and adolescents: Evaluating normative and non-normative sexual behaviours and development. In G. O' Reilly, W. L. Marshall, A. Carr, & R. Beckett (Eds.), *The handbook of clinical intervention with people who sexually abuse* (pp. 3-35). East Sussex: Brunner-Routledge.
- Barbaree, H. E., & Marshall, W. L. (2006). *The juvenile sex offender*. New York: Guilford Publications.
- Barroso, R. (2012). *Características e especificidades de jovens agressores sexuais* (Tese de Doutoramento não Publicada). Departamento de Educação da Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Barroso, R., Manita, C., & Nobre, P. (2011). Violência sexual juvenil: Conceptualização, caracterização e prevalência. *Revista Portuguesa de Ciência Criminal*, 3, 427-437.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss*. New York: Basic Books.
- Buschgens, C. J. M., Aken, M. A. G., Swinkels, S. H. N., Ormel, J., Verhulst, F. C., & Buitelaar, J. K. (2010). Externalizing behaviors in preadolescents: Familial risk to externalizing behaviors and perceived parenting styles. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 19, 567-575. doi: 10.1007/s00787-009-0086-8
- Butler, S., & Seto, M. (2002). Distinguishing two types of adolescent sex offenders. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 41, 83-90. doi:10.1097/00004583-200201000-00015
- Carvalho, A. F. N. (2011). *Análise dos factores que levam os jovens a delinquir* (Dissertação de Mestrado não Publicada). Universidade Fernando Pessoa, Porto.

- Chu, C. M., & Thomas, S. D. M. (2010). Adolescent sexual offenders: The relationship between typology and recidivism. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 22, 218-233. doi: 10.1177/1079063210369011
- Epps, K., & Fisher, D. (2004). A review of the research literature on young people who sexually abuse. In G. O' Reilly, W. L. Marshall, A. Carr, & R. Beckett (Eds.), *The handbook of clinical intervention with people who sexually abuse* (pp. 62-102). East Sussex: Brunner-Routledge.
- Farrington, D. P. (1992). Criminal career research in the United Kingdom. *British Journal of Criminology*, 32, 521-536.
- Farrington, D. P., Loeber, R., & Jolliffe, D. (2008). The age-crime curve in reported offending. In R. Loeber, D. P. Farrington, Stouthamer-Loeber, & H. R. White (Eds.), *Violence and serious theft: Development and prediction from childhood to adulthood*. New York: Routledge.
- Ferreira, P. M. (1997). «Delinquência juvenil», família e escola. *Análise Social*, 32, 912-924.
- Finkelhor, D., Ormrod, R., & Chaffin, M. (2009, Dezembro). Juveniles who commit sex offenses against minors. *Juvenile Justice Bulletin*. Retirado de <http://www.unh.edu/ccrc/pdf/CV171.pdf>
- Freeman, K. A., Dexter-Mazza, E. T., & Hoffman, K. C. (2005). Comparing personality characteristics of juvenile sex offenders and non-sex offending delinquent peers: A preliminary investigation. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 17, 3-12. doi: 10.1007/s11194-005-1206-8
- Hall, G. C. N., & Hirschman, R. (1991). Toward a theory of sexual aggression: A quadripartite model. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 59, 662-669.
- Hall, G. C. N., & Hirschman, R. (1992). Sexual aggression against children: A conceptual perspective of etiology. *Criminal Justice and Behavior*, 19, 8-23.

- Hart-Kerkhoffs, L., Doreleijers, T., Jansen, L., Wijk, A., & Bullens, R. (2009). Offense related characteristics and psychosexual development of juvenile sex offenders. *Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health*, 3. doi:10.1186/1753-2000-3-19
- Hayez, J.-Y. (2010). Adolescents auteurs d'abus ou de pseudo-abus. *Neuropsychiatrie de l'enfance et de l'adolescence*, 58, 112-119. doi:10.1016/j.neurenf.2009.05.007
- Hirschi, T. (1969). *Causes of delinquency*. Berkeley: University of California Press.
- Hoeve, M., Stams, G. J. J. M., Put, C. E., Dubas, J. S., Laan, P. H., & Gerris, J. R. M. (2012). A meta-analysis of attachment to parents and delinquency. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 40, 771-785. doi: 10.1007/s10802-011-9608-1
- Hunter, J. A. (2012). Patterns of sexual offending in juveniles and risk factors. In E. P. Ryan, J. A. Hunter, & D. C. Murrie (Eds.), *Juvenile sex offenders: A guide to evaluation and treatment for mental health professionals* (pp. 34-53). New York: Oxford University Press.
- Hunter, J. A., Figueiredo, A. J., Malamuth, N. M., & Becker, J. V. (2003). Juvenile sex offenders: Toward the development of a typology. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 15, 27-48. doi: 1079-0632/03/0100-0027/0
- Huss, M. T. (2011). *Psicologia forense: Pesquisa, prática clínica e aplicação*. Porto Alegre: Artmed.
- Jespersen, A. F., Lalumière, M. L., & Seto, M. C. (2009). Sexual abuse history among adult sex offenders and non-sex offenders: A meta-analysis. *Child Abuse & Neglect*, 33, 179-192. doi:10.1016/j.chiabu.2008.07.004
- Kemper, T., S., & Kistner, J. A. (2010). An evaluation of classification criteria for juvenile sex offenders. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 22, 172-190. doi: 10.1177/1079063210366270
- Lambie, I. (2009). Young people with sexual behavior problems: Towards positive and

- healthy relationships. In K. Geldard (Ed.), *Practical interventions for young people at risk* (pp. 156-166). London: SAGE.
- Lee, J. K. P., Jackson, H. J., Pattison, P., & Ward, T. (2002). Developmental risk factors for sexual offending. *Child Abuse & Neglect, 26*, 73-92.
- Loeber, R., Stouthamer-Loeber, M., & Farrington, D. P. (2008). The Pittsburgh Youth Study: It designs, data collection, and early key findings. In R. Loeber, D. P. Farrington, M. Southamer-Loeber., & H. R. White (Eds.) *Violence and serious theft: Development and prediction from childhood to adulthood* (pp. 25-37). New York: Routledge.
- Lussier, P., Berg, C., Bijleveld, C., & Hendriks, J. (2012). A developmental taxonomy of juvenile sex offenders for theory, research, and prevention: The adolescent-limited and the high-rate slow desister. *Criminal Justice and Behavior, 39*, 1559-1581. doi: 10.1177/0093854812455739
- Lussier, P., LeBlanc, M., & Proulx, J. (2005). The generality of criminal behavior: A confirmatory factor analysis of the criminal activity of sex offenders in adulthood. *Journal of Criminal Justice, 33*, 177-189. doi:10.1016/j.jcrimjus.2004.12.009
- Magers, M., Jennings, W. G., Tewksbury, R., & Miller, J. M. (2009). An exploration of the sex offender specialization and violence nexus. *The Southwest Journal of Criminal Justice, 6*, 133-144.
- Marshall, W. L., & Barbaree, H. E. (1990). An integrated theory of the etiology of sexual offending. In W. L. Marshall, D. R. Laws, & H. E. Barbaree (Eds.), *Handbook of sexual assault: issues, theories and treatment of the offender* (pp.164-181). New York: Plenum Press.
- McCormack, J., Hudson, S. M., & Ward, T. (2002). Sexual offenders' perceptions of their early interpersonal relationships: An attachment perspective. *Journal of Sex Research, 39*, 85-93.

- McCuish, E. C., Lussier, P., & Corrado, R. R. (2014). Examining antisocial behavioral antecedents of juvenile sexual offenders and juvenile non-sexual offenders. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment, 20*, 1-25.
doi:10.1177/1079063213517268
- Moffitt, T. E. (1993). Adolescence-limited and life-course-persistent antisocial behavior: A developmental taxonomy. *Psychological Review, 100*, 674–701.
- O' Reilly, G., & Carr, A. (2004). A review of theoretical models of sexual offending. In G. O' Reilly, W. L. Marshall, A. Carr, & R. Beckett (Eds), *The handbook of clinical intervention with people who sexually abuse* (pp.36-61). East Sussex: Brunner-Routledge.
- Pullman, L. E., Leroux, E. J., Motayne, G., & Seto, M. C. (2014). Examining the developmental trajectories of adolescentsexual offenders. *Child Abuse & Neglect, 38*, 1249-1258.
- Pullman, L., & Seto, M. C. (2012). Assessment and treatment of adolescent sexual offenders: Implications of recent research on generalist versus specialist explanations. *Child Abuse & Neglect, 36*, 203-209. doi:10.1016/j.chiabu.2011.11.003
- Put, C. E., Vugt, E. S., Stams, G. J. J. M., Dekovic, M., & Laan, P. H. (2013). Differences in the prevalence and impact of risk factors for general recidivism between different types of juveniles who have committed sexual offenses (JSOS) and juveniles who have committed nonsexual offenses (NSOS). *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment, 25*, 41-68. doi: 10.1177/1079063212452615.
- Ryan, J. P., Marshall, J. M., Herz, D., & Hernandez, P. M. (2008). Juvenile delinquency in child welfare: Investigating group home effects. *Children and Youth Services Review, 30*, 1088-1099. doi:10.1016/j.childyouth.2008.02.004
- Savage, J. (2009). *The development of persistent criminality*. New York: Oxford University

Press.

- Seto M. C., & Barbaree H. E. (1997). Sexual aggression as antisocial behavior: A developmental model. In D. Stoff, & J. Maser (Eds.), *Handbook of antisocial behavior* (pp. 524-533). New York: Wiley.
- Seto, M. C., & Lalumière, M. L. (2010). What is so special about male adolescent sexual offending? A review and test of explanations through meta-analysis. *Psychological Bulletin*, *136*, 526-575. doi: 10.1037/a0019700
- Sigre-Leirós, V. L., Carvalho, J., & Nobre, P. (2013). Early maladaptive schemas and aggressive sexual behavior: A preliminary study with male college students. *The Journal of Sexual Medicine*, *10*, 1764-1772. doi: 10.1111/j.1743-6109.2012.02875.x
- Smallbone, S. W., & Dadds, M. R. (2000). Attachment and coercive sexual behavior. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, *12*, 3-15. doi: 1079-0632/00/0100-0003\$18.00/0
- Soothill, K., Francis, B., Sanderson, B., & Ackerley, E. (2000). Sex offenders: specialists, generalists – or both? *British Journal of Criminology*, *40*, 56-67.
- Vermeiren, R. (2003). Psychopathology and delinquency in adolescents: A descriptive and developmental perspective. *Clinical Psychology Review*, *23*, 277-318.
- Voller, E. K., Long, P. J., & Aosved, A. C. (2009). Attraction to sexual violence towards women, sexual abuse of children, and non-sexual criminal behavior: Testing the specialist vs. generalist models in male college students. *Archives of Sexual Behavior*, *38*, 235-243. doi: 10.1007/s10508-008-9343-z
- Ward, T., & Beech, A. (2006). An integrated theory of sexual offending. *Aggression and Violent Behavior*, *11*, 44-63. doi:10.1016/j.avb.2005.05.002
- Wijk, A., Loeber, R., Vermeiren, R., Pardini, D., Bullens, R., & Doreleijers, T. (2005). Violent juvenile sex offenders compared with violent juvenile nonsex offenders:

Explorative findings from the pittsburgh youth study. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 17, 333-352. doi: 10.1007/s11194-005-5062-3

Wijk, A., Vermeiren, R., Loeber, R., Hart-Kerkhoffs, L., Doreleijers, T., & Bullens, R. (2006). Juvenile sex offenders compared to non-sex offenders: A review of the literature 1995-2005. *Trauma, Violence & Abuse*, 7, 227-243. doi: 10.1177/1524838006292519

Wolf, A. L. (2008). *Differentiating two types of juvenile sex offenders: Generalists versus specialists* (Tese de Doutorado não Publicada). College of Education, Florida State University, Flórida.

II PARTE

ARTIGO EMPÍRICO

Características de Jovens Agressores Sexuais: Especialistas vs. Generalistas

Débora Pereira & Ricardo Barroso

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Nota do autor

Débora Pereira e Ricardo Barroso, Departamento de Educação e Psicologia,
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Correspondência acerca deste artigo deve ser endereçada para Débora Pereira,
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Departamento de Educação e Psicologia,
Quinta de Prados, Edifício Complexo Pedagógico - Apartado 1013, 5001-801 Vila Real. E-
mail: marlipereira_67@hotmail.com

Resumo

A violência sexual juvenil tem vindo a ocupar um lugar de relevo nas sociedades atuais, suscitando a expansão da investigação nesta área. A literatura recente caracteriza a população de jovens agressores sexuais como bastante heterogénea, pelo que é pertinente entender o que leva alguns jovens a envolverem-se, exclusivamente, em agressões de carácter sexual, enquanto outros exibem um padrão comportamental mais generalista que incluiu tanto agressões sexuais como não sexuais. Em termos teóricos, as perspetivas especialista e generalista tentam compreender as agressões sexuais cometidas por jovens, tendo por base os fatores que diferenciam os comportamentos sexuais agressivos de outro tipo de agressões. A presente investigação teve como objetivo compreender qual das perspetivas parece explicar de modo mais apropriado o comportamento sexualmente agressivo dos jovens, através da análise das diferenças entre jovens agressores sexuais especialistas e generalistas. Para o efeito recorreu-se a uma amostra total de 139 jovens agressores sexuais (101 especialistas e 38 generalistas), que foram comparados com 133 jovens agressores não-sexuais relativamente a conjunto de variáveis (vinculação, agressividade e fantasias sexuais). Os resultados permitiram observar algumas características que diferenciam jovens agressores sexuais especialistas e generalistas, nomeadamente as fantasias/interesses sexuais e os estilos de vinculação. Por sua vez, os dois grupos de jovens agressores sexuais e o grupo de jovens agressores não-sexuais demonstraram semelhanças nas variáveis associadas à agressividade. Os resultados desta investigação fornecem informação útil acerca da população de jovens agressores sexuais, auxiliando na definição de estratégias de avaliação e intervenção diferenciadas, bem como na prevenção da violência sexual juvenil.

Palavras-chave: jovens agressores sexuais; generalistas; especialistas

Abstract

Juvenile sexual violence has been gaining a relevant space in current societies, fostering the expansion of research in this field. Recent literature characterize the population of juvenile sex offenders as rather heterogeneous, so it is pertinent to understand what drives some juveniles to get involved, exclusively, in aggressions of sexual character, while others exhibit a more generalist behavioral pattern that includes both sexual and non-sexual aggressions. In theoretical terms, the specialist and generalist perspectives attempt to understand sexual aggressions carried out by juveniles based on the factors that differentiate aggressive sexual behaviors from other type of aggressions. The present research had as main aim to understand which of the perspectives seems to explain more appropriately the sexually aggressive behavior of juveniles, through the analysis of differences between specialist and generalist juvenile sex offenders. For this purpose, we used a sample of 139 juveniles sex offenders (101 specialists and 38 generalists), which was compared to 133 juvenile non-sexual offenders in what concerns a group of variables (attachment, aggressiveness and sexual fantasies). The results allowed pointing out some characteristics that distinguish generalist and specialist juvenile sex offenders, namely the sexual fantasies/interests and the type of attachment. On the other hand, the two groups of juvenile sex offenders and the group of juvenile non-sexual offenders have shown similarities in the variables associated to aggressiveness. The results of this work provide useful information about the population of juvenile sex offenders, supporting the definition of differentiated strategies evaluation and intervention, as well as in the prevention of juvenile sexual violence.

Keywords: juvenile sex offenders; generalists; specialists

Características de Jovens Agressores Sexuais: Especialistas vs. Generalistas

A violência sexual juvenil tem estado na base de muitos estudos ao longo das últimas décadas, tendo enorme relevância quer no âmbito clínico, quer para a tomada de decisões políticas e judiciais. Os primeiros estudos acerca do envolvimento de jovens em crimes de carácter sexual começaram a emergir há mais de 50 anos, todavia a maioria da literatura existente nesta área resultou de um crescente interesse por parte dos investigadores a partir da década de 70 (Wijk et al., 2006). A International Association for the Treatment of Sexual Offenders (IATSO) considera como jovem agressor sexual alguém com uma idade compreendida entre os 12 e os 18 anos que tenha sido legalmente acusado de um crime sexual e/ou tenha cometido alguma forma de abuso sexual ou comportamento sexualmente agressivo (Miner et al., 2006). Este fenómeno da violência sexual juvenil e a designação de JAS daí decorrente gera na sociedade algum tipo de inquietação que é, segundo Rich (2009), compreensiva e legítima, não só pelos possíveis danos que possam ser causados pelo adolescente na comunidade, mas também pelo tipo de adulto em que estes jovens se podem tornar quando crescerem, caso mantenham os seus comportamentos sexuais agressivos. Esta preocupação popular resulta, muitas vezes, da ocorrência de casos esporádicos que são amplamente divulgados pela comunicação social e que acabam por difundir uma representação inadequada acerca da incidência e reincidência real de crimes sexuais cometidos por menores. No entanto, a literatura comprova que apenas um número reduzido de JAS mantém esta conduta durante a idade adulta (Finkelhor, Ormrod & Chaffin, 2009). Nos tempos mais recentes as investigações têm tentado dar resposta a várias questões acerca da etiologia das agressões sexuais, tentando perceber o que leva alguns jovens a envolver-se em atos sexuais agressivos e outros não. A este respeito Rich (2009) salienta que o comportamento sexual agressivo dos jovens se encontra muito mais associado a questões desenvolvimentais (formação da personalidade, desenvolvimento psicológico, adaptação ao

meio ambiente e interações sociais) do que propriamente a um desvio sexual. Devido à complexidade deste processo desenvolvimental tem sido difícil caracterizar corretamente a população de JAS (Andrade, Vincent & Saleh, 2006). Como tal têm sido várias as tentativas de classificar estes jovens, seja com base no tipo de crime cometido (Barroso, 2012; Freeman, Dexter-Mazza & Hoffman, 2005; Jespersen, Lalumière & Seto, 2009; Put, Vugt, Stams, Dekovic & Laan, 2013; Wijk et al., 2005; Wijk et al., 2006), nas características das vítimas (Epps & Fisher, 2004; Hart-Kerkhoffs, Doreleijers, Jansen, Wijk & Bullens, 2009; Hunter, Figueiredo, Malamuth & Becker, 2003; Kemper & Kistner, 2010) e mais recentemente com base na história de comportamento antissocial (Butler & Seto, 2002; McCuish, Lussier & Corrado, 2014; Wolf, 2008). Assim, apesar da literatura acerca dos JAS ser ampla, são ainda poucos os estudos (e.g., Chu & Thomas, 2010; Pullman, Leroux, Motayne & Seto, 2014; Pullman & Seto, 2012; Soothili, Francis, Sanderson & Ackerley, 2000) que têm tentado perceber o porquê de alguns jovens se envolverem, exclusivamente, em agressões de carácter sexual, enquanto outros exibem um padrão comportamental mais generalista que incluiu tanto agressões sexuais como não sexuais. Teoricamente existem duas perspetivas que se debruçam sobre estes padrões comportamentais. A perspetiva generalista, que sugere que os JAS se assemelham aos restantes JAN-S e, que por isso, os crimes sexuais emergem como uma manifestação de tendências delinquentes gerais, onde as agressões sexuais representam apenas uma parte do comportamento antissocial do jovem. Por sua vez a perspetiva especialista, entende que os JAS se distinguem de outros adolescentes agressores por apresentarem fatores de risco e características específicas capazes de explicar o seu envolvimento apenas em agressões sexuais.

A presente investigação teve como objetivo geral estudar as características de JAS-E, que cometem apenas crimes sexuais e JAS-G, que para além de cometerem crimes sexuais praticam também crimes não-sexuais, e compará-los com JAN-S. Assim, era esperado que as

possíveis diferenças encontradas entre os três grupos em relação às diferentes variáveis em estudo fossem elucidativas do facto de alguns jovens se envolverem em agressões sexuais, enquanto outros cometem agressões de outro género.

Dada a existência de uma grande quantidade de possíveis variáveis para proceder a este estudo comparativo, a seleção das mesmas foi baseada nas variáveis que a recente meta-análise de Seto e Lalumière (2010) destacou como as menos estudadas até ao momento, de acordo com a literatura existente. Assim, as variáveis alvo de análise neste estudo comparativo entre grupos foram as seguintes: a) comportamento agressivo (físico, verbal, hostilidade e raiva); b) fantasias sexuais (exploratórias, íntimas, impessoais e sadomasoquistas) e c) vinculação (segura, ambivalente e evitante). Deste modo, tendo por base as variáveis aqui apresentadas, foram formuladas as seguintes hipóteses de trabalho:

Hipótese 1: Existem diferenças entre os dois grupos de JAS (JAS-E e JAS-G) e JAN-S, no que diz respeito a variáveis relacionadas com comportamentos agressivos;

Hipótese 2: Há diferenças entre os dois grupos de JAS (JAS-E e JAS-G) e JAN-S em relação a um conjunto de variáveis associadas a fantasias sexuais;

Hipótese 3: Existem diferenças entre os dois grupos de JAS (JAS-E e JAS-G) e JAN-S, no que diz respeito a variáveis ligadas ao estilo de vinculação.

Método

Tendo em vista a concretização dos objetivos propostos e a averiguação das respetivas hipóteses de investigação, optamos por um estudo de natureza quantitativa e de carácter transversal, uma vez que os dados foram recolhidos num único momento temporal. Trata-se igualmente de um estudo correlacional, já que visa estabelecer relações entre as variáveis através da análise das diferenças de resultados entre os grupos (Almeida & Freire, 1997).

Participantes

A amostra em estudo foi composta por 272 sujeitos do sexo masculino, correspondente ao total de rapazes agressores que estavam a ser acompanhados em instituições da Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP), no período temporal compreendido entre outubro de 2010 e outubro de 2011. Os dados foram recolhidos no âmbito de um projeto intitulado “Características e Especificidades de Jovens Agressores Sexuais” (Barroso, 2012), cuja base de dados se encontra em constante atualização. As idades da amostra estavam compreendidas entre os 12 e os 18 anos ($M=14.66$; $DP=1.42$). O grupo amostral foi dividido em três subgrupos: a) Grupo de JAS-E constituído por 101 sujeitos (37%); b) Grupo de JAS-G constituído por 38 jovens (14%); e c) Grupo de JAN-S, com 133 indivíduos (49%). Dos agressores que constituem a amostra apenas 47% ($n=80$) eram de nacionalidade portuguesa, os restantes 53% ($n=90$) eram provenientes de países de língua oficial portuguesa (Angola, Cabo Verde, Guiné, Brasil). A amostra foi recolhida em instituições da DGRSP, sob a tutela do Ministério da Justiça, sendo que 61% ($n=166$) dos jovens estavam a cumprir medidas tutelares educativas em Centros Educativos, 24% ($n=65$) estavam a ser acompanhados em Equipas Tutelares Educativas e os restantes 15% ($n=41$) estavam a cumprir penas de prisão em Estabelecimentos Prisionais (apenas jovens que cometeram crimes entre os 16 e os 18 anos). As vítimas das agressões praticadas pelos jovens tinham idades compreendidas entre os 3 e os 83 anos ($M=19.28$; $DP=15.337$) e eram maioritariamente do sexo feminino (73%).

É de salientar que o número de sujeitos em cada subgrupo amostral varia nas diferentes variáveis em estudo, devido à omissão de dados em determinados sujeitos. No entanto, apesar das distribuições amostrais não serem as ideais em algumas das análises, tal não implica que os resultados estatísticos não possam ser suficientemente robustos (Maroco,

2007), desde que sejam devidamente cumpridos os pressupostos fundamentais para os procedimentos estatísticos pretendidos.

Instrumentos

Tendo em consideração os objetivos do estudo, para o processo de recolha de informação, foi selecionado um conjunto de instrumentos, tendo por base as suas qualidades psicométricas, a adaptação à população portuguesa, bem como a facilidade da aplicação e de preenchimento. Assim, foi utilizada uma Grelha de Recolha de Dados Processuais (Barroso, 2010), o Questionário de Agressão (QA; Buss & Perry, 1992; adaptado por Vieira & Soeiro, 2002), a Escala de Fantasias Sexuais de Wilson (EFS-W; Wilson, 1978; adaptado por Barroso, Manita & Nobre, 2010) e o Inventário sobre a Vinculação para a Infância e Adolescência (IVIA; Carvalho, 2007).

Grelha de Recolha de Dados Processuais. A grelha utilizada nesta investigação diz respeito a um documento elaborado especificamente para a recolha de informações processuais de jovens agressores. É preenchido pelo próprio investigador aquando da consulta do processo individual de cada jovem e contempla questões acerca de informações sociodemográficas do agressor, contexto familiar, história desenvolvimental, contexto residencial e comunitário, história de institucionalização, história de comportamentos delinquentes, relacionamentos afetivos, escolaridade, informações acerca dos crimes (sexuais ou não sexuais), variáveis jurídicas, sexualidade, competências interpessoais, uso/abuso de substâncias e história médica (Barroso, 2012).

Questionário de Agressão. A variável agressividade foi medida através do Questionário de Agressão, originalmente desenvolvido por Buss e Perry (1992) e adaptado para a população portuguesa por Vieira e Soeiro (2002). Trata-se de um instrumento de autorrelato composto por 29 itens que avaliam o comportamento agressivo através de três

componentes distintos: componente motora ou instrumental (agressividade física e verbal), emocional (raiva) e cognitiva (hostilidade). A agressão física é avaliada através de 9 itens (e.g., “*Já ameacei pessoas que conheço*”), o fator associado à agressão verbal contempla 5 itens (e.g., “*Os meus amigos dizem que gosto de discutir*”), a raiva contém 7 itens (e.g., “*Tenho dificuldade em controlar o meu feitiço*”) e a subescala hostilidade possui 8 itens (e.g., “*De vez em quando tenho muita inveja dos outros*”). As respostas são assinaladas numa escala tipo *Likert* que varia entre 1 (*Nunca ou quase nunca*) e 5 (*Sempre ou quase sempre*). O instrumento mede os vários tipos de comportamento agressivo mediante uma cotação contínua e sem pontos de corte, permitindo identificar o tipo de agressividade mais presente em cada sujeito através da elevação da pontuação em determinada subescala. Na versão original os autores fazem referência a uma consistência interna com indicadores entre 0.72 e 0.85 (Buss & Perry, 1992). Neste estudo os indicadores de fidelidade variaram entre 0.70 e 0.81.

Escala de Fantasias Sexuais de Wilson. Para avaliar os interesses sexuais foi utilizada a Escala de Fantasias Sexuais de Wilson, adaptada à população portuguesa por Barroso, Manita & Nobre (2010), que permite estimar qual o tipo de fantasia sexual mais presente no indivíduo. A escala é composta por 32 itens que dizem respeito a exemplos de fantasias sexuais, agrupados em quatro categorias: exploratórias (e.g., “*Ato sexual com alguém de raça diferente*”); íntimas (e.g., “*Praticar sexo oral*”); impessoais (e.g., “*Observar outros a fazerem sexo*”) e sadomasoquistas (e.g., “*Tirar as roupas a alguém de forma brusca*”). A primeira categoria diz respeito a fantasias sexuais exploratórias, associadas à presença de uma forte excitação e diversidade sexual; a segunda categoria – fantasias sexuais íntimas – está relacionada com o compromisso com um número restrito de parceiros sexuais; a terceira categoria – fantasias sexuais impessoais – diz respeito a uma forte atração por fetiches, vestuário, filmes e outros materiais de cariz sexual, em detrimento das características

personais e sentimentos dos parceiros sexuais, o que se associa a um elevado interesse por sexo; por fim a quarta categoria – fantasias sexuais sadomasoquistas – está relacionada com a procura de atos sexuais que envolvam dor, tortura ou humilhação (Sierra, Ortega, & Zubeidat, 2006). Segundo os vários autores, é nesta última escala que, do ponto de vista das cognições sexuais, poderá estar o foco problemático ao nível das fantasias sexuais. Para cada item o indivíduo deve indicar com que frequência (*Nunca* – 0; *Muito raro* – 1; *Às vezes* – 2; *Muitas vezes* – 3) ocorre determinada fantasia na sua vida, sendo que a soma da cotação dos itens correspondentes a cada fator permite perceber quais as categorias de fantasias sexuais mais frequentes, mediante as elevações nas pontuações. Na versão original este questionário apresentou indicadores de consistência interna entre 0.66 e 0.79 (Sierra et al., 2006). Na presente investigação os valores de fiabilidade do instrumento oscilaram entre 0.74 e 0.81.

Inventário sobre a Vinculação para a Infância e Adolescência. Este inventário avalia os comportamentos de vinculação na infância e adolescência, através da perceção do próprio indivíduo. No presente estudo foi utilizada a versão de autoavaliação, composta por 37 itens referentes a pensamentos, comportamentos ou representações da vinculação. Os indivíduos devem assinalar numa escala tipo *likert* de 5 pontos (1- *Nunca*; 5 – *Sempre*) a frequência com que, habitualmente, experienciam tais pensamentos/comportamentos. O instrumento permite avaliar três dimensões da vinculação: segura (e.g., “*Sinto que posso contar com os outros quando necessitar*”), vinculação ansiosa/ambivalente (e.g., “*Preocupo-me com a possibilidade de ficar sozinho*”) e vinculação evitante (e.g., “*É difícil confiar totalmente nas outras pessoas*”). A componente da vinculação segura está associada à confiança, à procura de ajuda e à autorrevelação por parte dos jovens; a vinculação ansiosa/ambivalente reflete o medo de abandono/rejeição, a dependência e a maximização das emoções negativas face aos outros e a vinculação evitante que está associada a evitamento e à minimização das emoções negativas face aos outros, que se manifesta em comportamentos de

internalização. A pontuação total da escala é obtida pelo somatório dos itens de cada subescala, podendo variar entre 8 e 40, as subescalas com nota mais elevada correspondem ao tipo de vinculação experienciada pelo indivíduo (Carvalho, 2007). Nos estudos psicométricos realizados por Carvalho (2007), o IVIA mostrou ter qualidades psicométricas adequadas, com valores de fiabilidade que variam entre 0.71 e 0.85. No presente estudo os indicadores de consistência interna oscilaram entre 0.72 e 0.82.

Procedimentos

Tendo por base os princípios éticos da investigação, o primeiro procedimento a ser realizado consistiu no pedido de autorização de recolha de dados à DGRSP posteriormente, a cada estabelecimento pertencente a esta entidade, nomeadamente a centros educativos, equipas tutelares educativas e estabelecimentos prisionais. Uma vez que se pretendia recolher informações acerca da população de jovens agressores sexuais em Portugal, realizou-se uma recolha exaustiva de todos os indivíduos que se encontrassem no momento institucionalizados em estabelecimentos do Ministério da Justiça, no entanto a amostra não se revela representativa da população portuguesa. Com base em pesquisas anteriores foram definidos alguns critérios de seleção da amostra, assim foram incluídos na amostra apenas sujeitos do sexo masculino, dado que grande maioria dos jovens agressores são do género masculino. O segundo critério de inclusão na amostra foi a faixa etária, tendo sido definido incluir na investigação somente jovens com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos de idade, com base nos requisitos estabelecidos pela IATSO para classificar os JAS (Miner et al., 2006). Foi também estabelecido como critério de exclusão a presença de perturbações psíquicas e/ou atraso mental, pelo facto de poder existir qualquer tipo de comprometimento que prejudicasse a correta recolha de informação.

Para além da população de jovens agressores sexuais, e como forma de se poderem realizar estudos comparativos, foi sendo igualmente recolhida nos mesmos locais a amostra

de JAN-S, tendo por base os crimes cometidos e provados em tribunal. Ao longo da recolha houve o cuidado de se ir recolhendo amostras balanceadas em função das faixas etárias e das características sociodemográficas dos sujeitos, como forma de alcançar análises estatísticas mais consistentes. Numa fase inicial era entregue a cada sujeito uma declaração de consentimento informado e eram fornecidas todas as informações necessárias acerca do estudo, tendo sido garantido o anonimato e a confidencialidade dos dados. Posteriormente coube ao investigador recolher as informações processuais de todos os sujeitos que aceitaram participar no estudo, através da análise do processo individual de cada jovem (dossiers jurídico, clínico e pedagógico). Na etapa final do processo de recolha, solicitou-se a cada sujeito o preenchimento dos questionários de autorrelato, que decorreu num único momento e de forma individual, apenas com a presença do investigador para esclarecer eventuais dúvidas que pudessem surgir na leitura ou interpretação das questões.

Em termos de procedimentos estatísticos, a análise dos dados foi feita através do programa estatístico IBM SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*), versão 20.0. Como forma de responder adequadamente às hipóteses de investigação foram utilizados vários procedimentos estatísticos. Inicialmente procedeu-se à caracterização da amostra, através de uma análise de natureza descritiva (média, moda, máximo, mínimo e frequências). Foi também testada a consistência interna (*Alpha de Cronbach*) de cada instrumento utilizado na investigação. Ao nível da distribuição dos dados, foram realizados testes de normalidade, designadamente de assimetria e achatamento (*Skewness e Kurtosis*), para decidir da utilização de testes paramétricos. Posteriormente, após ter sido confirmada a normal distribuição dos dados, recorreu-se à análise de variância multivariada (MANOVA), para identificar diferenças entre os grupos relativamente às diferentes variáveis em estudo.

Resultados

Garantidos todos os pressupostos estatísticos de normalidade, homogeneidade e linearidade, segue-se a apresentação dos resultados de acordo com a ordem das hipóteses de estudo anteriormente apresentadas. Numa fase inicial, para dar resposta à primeira hipótese de trabalho “*Existem diferenças entre os dois grupos de JAS (JAS-E e JAS-G) e JAN-S, no que diz respeito a variáveis relacionadas com comportamentos agressivos*”, o foco de atenção dirigiu-se para os efeitos da agressividade nos três grupos amostrais. As médias e os desvios-padrão são apresentados na Tabela 1 a seguir exposta.

Tabela 1

Resultados obtidos com a MANOVA relativa aos comportamentos agressivos (QA) nos três grupos de jovens agressores

	JAS-E (n=24)	JAS-G (n=25)	JAN-S (n=68)	F	p	ηp^2
	M (DP)	M (DP)	M (DP)			
QA Agressão Física	21.6 (8.1)	23.3 (5.9)	25.2 (6.9)	2.428	.093	.041
QA Agressão Verbal	13.1 (4.5)	13.9 (3.3)	13.7 (3.8)	.281	.755	.005
QA Raiva	14.5 (5.3)	16.2 (7.0)	15.0 (4.8)	.616	.542	.011
QA Hostilidade	22.3 (6.9)	21.2 (5.5)	20.3 (6.0)	.973	.381	.017

A tabela permite observar que não se verificou qualquer diferença significativa entre os grupos em relação às variáveis aqui em estudo [$F(8,222)=1.827, p>.05, \eta p^2=.062$]. Pela comparação entre os três grupos amostrais é possível observar que todos aparentam ter características semelhantes nas várias dimensões da agressividade, o que pode explicar a ausência de significância estatística.

Posteriormente, como forma de dar resposta à segunda hipótese de investigação “*Há diferenças entre os dois grupos de JAS (JAS-E e JAS-G) e JAN-S em relação a um conjunto*

de variáveis associadas a fantasias sexuais”, foram analisadas as diferenças entre os três grupos amostrais ao nível das fantasias sexuais exploratórias, íntimas, impessoais e sadomasoquistas. Para tal recorreu-se à análise de variância multivariada, cujos resultados se expõe na Tabela 2.

Tabela 2

Resultados obtidos com a MANOVA em relação à presença de fantasias sexuais (EFS-W) nos três grupos amostrais

	JAS-E (n=24)	JAS-G (n=26)	JAS-G (n=55)	F	p	ηp^2
	M (DP)	M (DP)	M (DP)			
EFSW Fantasias Sexuais Exploratórias	6.0 (5.3)	7.5 (5.1)	9.0 (4.3)	3.418	.037*	.063
EFSW Fantasias Sexuais Íntimas	12.1 (6.0)	15.7 (4.7)	15.1 (5.1)	3.490	.034*	.064
EFSW Fantasias Sexuais Impessoais	4.4 (3.5)	7.4 (4.0)	6.0 (4.2)	3.428	.036*	.063
EFSW Fantasias Sexuais Sadomasoquistas	2.2 (3.4)	2.1 (2.7)	2.2 (2.9)	.013	.987	.000

* $p < .05$

A observação da tabela permite-nos concluir que foram encontradas associações estatisticamente significativas entre os grupos no que diz respeito às fantasias sexuais exploratórias [$F(8,198)=3.418, p < .05, \eta p^2=.063$], fantasias sexuais íntimas [$F(8,198)=3.490, p < .05, \eta p^2=.064$] e fantasias sexuais impessoais [$F(8,198)=3.428, p < .05, \eta p^2=.063$]. Em relação à variável fantasias sexuais sadomasoquistas [$F(8,198)=.013, p > .05, \eta p^2=.000$] não se verificaram diferenças significativas entre os grupos. Na análise post hoc das diferenças entre os grupos, com o auxílio à correção de Bonferroni ($p \leq .05$), verificou-se que o grupo de JAS-E manifestava significativamente menos fantasias sexuais exploratórias ($M= 6.0; DP= 5.3; p \leq .05$) do que os JAN-S. Relativamente às fantasias sexuais íntimas o grupo de JAS-E ($M= 12.1; DP= 6.0; p \leq .05$) continua a relevar significativamente menores índices quando comparado com os grupos de JAS-G e JAN-S. A tendência mantém-se igualmente para as

fantasias sexuais impessoais, com o grupo de JAS-E ($M= 4.4$; $DP= 3.5$; $p \leq .05$) a manifestar significativamente menos do que o grupo de JAS-G. Destaca-se a magnitude da variância atribuída aos resultados estatísticos encontrados nesta análise, evidenciando-se efeitos médios (e.g., .63 e .64) de acordo com os indicadores de Cohen (1988).

Por fim, para dar resposta à terceira hipótese de estudo “*Existem diferenças entre os dois grupos de JAS (JAS-E e JAS-G) e JAN-S, no que diz respeito a variáveis ligadas ao estilo de vinculação*” foram analisados comparativamente os três grupos de jovens agressores em relação às variáveis respeitantes aos estilos de vinculação avaliadas pelo instrumento de avaliação psicológica IVIA. Para o efeito foi realizada uma MANOVA, cujos resultados são apresentados na tabela que se segue.

Tabela 3

Resultados obtidos através da MANOVA relativamente aos estilos de vinculação (IVIA) nos três grupos de agressores

	JAS-E (n=18)	JAS-G (n=21)	JAN-S (n=55)	F	p	ηp^2
	M (DP)	M (DP)	M (DP)			
IVIA Vinculação Segura	39.8 (9.0)	37.2 (6.2)	39.9 (9.0)	.789	.458	.017
IVIA Vinculação Ansiosa/Ambivalente	38.2 (12.4)	26.2 (6.3)	29.8 (8.1)	9.526	.000*	.173
IVIA Vinculação Evitante	29.9 (5.8)	27.0 (6.5)	28.2 (7.1)	.933	.397	.020

* $p < .05$

Da leitura da tabela ressalta que a única subescala em que surgem diferenças significativas entre os grupos é a da Vinculação Ansiosa/Ambivalente [$F(6,178)=9.526$, $p < .05$, $\eta p^2=.173$], nas restantes dimensões da vinculação não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p > .05$). Na análise post hoc (Bonferroni) das diferenças entre os grupos, verificou-se que o grupo de JAS-E ($M= 38.2$; $DP= 12.4$; $p \leq .05$) apresentava significativamente mais indicadores de vinculação ansiosa/ambivalente comparativamente

com os grupos de JAS-G ($M= 26.2$; $DP= 6.3$; $p \leq .05$) e de JAN-S ($M= 29.8$; $DP= 8.1$; $p \leq .05$). O valor do Eta parcial nesta análise (e.g., .173) indica-nos que a variância desta subescala se encontra fortemente associada a este efeito, tratando-se de um efeito alto, de acordo com os critérios de Cohen (1988).

Discussão

Esta investigação teve como principal objetivo contribuir para o estudo da população de jovens agressores sexuais, através da avaliação de características que possam prever o desenvolvimento do comportamento sexual agressivo durante a adolescência. Deste modo, esta reflexão final incidirá não só na análise e discussão dos principais resultados, tendo por base os objetivos e hipóteses definidos para este estudo, mas também na apresentação das suas limitações e implicações para posteriores investigações.

Os resultados do presente estudo são consistentes com a literatura existente acerca de jovens agressores sexuais, que tem vindo a caracterizar esta população como um grupo heterogéneo, com diferentes fatores de risco e características que permitem distinguir jovens agressores sexuais especialistas em crimes sexuais, de jovens agressores sexuais mais generalistas (Barroso, 2012; Epps & Fisher, 2004; Seto & Lalumière, 2010; Pullman et al., 2014; Pullman & Seto, 2012). Curiosamente, e contrariando alguns estudos anteriores (Chu & Thomas, 2010; Wolf, 2008), constatamos, neste estudo, a não existência de diferenças significativas entre grupos ao nível dos comportamentos agressivos. Tal como declara Barroso (2012) o tipo e a intensidade da agressividade parecem não desempenhar um papel ativo na prática de crimes sexuais. Possivelmente, a ausência de diferenças significativas entre os vários grupos de agressores deve-se ao facto de todos registarem índices muito semelhantes de agressividade (física e verbal), hostilidade e raiva, contrariando de algum modo os dados obtidos por Chu e Thomas (2010) que fazem alusão a um nível superior de violência física e verbal usado pelos JAS-G durante as agressões. No entanto, é importante ter

em conta que neste estudo a agressividade foi medida com base na percepção que os jovens têm acerca dos seus próprios comportamentos agressivos, o que pode ter condicionado os resultados aqui obtidos.

Na dimensão da sexualidade, mais propriamente no que diz respeito às fantasias sexuais, os resultados anunciam a existência de diferenças significativas entre os grupos de jovens agressores. Os JAN-S apresentaram visivelmente mais fantasias sexuais exploratórias do que o grupo de JAS-E, o que demonstra uma maior abertura, por parte dos jovens que cometem agressões não-sexuais, para a prática de atividades sexuais explorativas, que envolvam novas e variadas experiências e sensações. Por sua vez os JAS-E evidenciaram significativamente menos fantasias sexuais íntimas do que os grupos de JAS-G e JAN-S. Tal facto mostra-nos que os jovens que se envolvem somente em crimes sexuais se revelam menos predispostos para assumir relações de compromisso com um número restrito de parceiros, o que vai ao encontro dos resultados publicados por Pullman et al. (2014), que dão conta das dificuldades destes jovens em manter relacionamentos amorosos/românticos, tendendo a envolver-se em poucas relações desta natureza. Ao nível das fantasias sexuais impessoais, os resultados indicam-nos que apenas se registaram diferenças significativas entre os dois grupos de JAS, em que o grupo de JAS-E demonstra claramente menor atração por fetiches do que os JAS-G. Este tipo de fantasias sexuais remete-nos também para a valorização do outro enquanto objeto sexual em detrimento dos seus sentimentos, o que pode estar associado à falta de empatia normalmente mais presente nos JAS-G (Wolf, 2008). De uma forma geral, os dados aqui expostos acerca das fantasias sexuais não nos parecem relevantes do ponto de vista da violência sexual, na medida em que, as fantasias que aqui poderiam indicar algum tipo de interesses sexuais atípicos, não se revelaram significativas para nenhum dos grupos, que seriam as fantasias sexuais sadomasoquistas. Os baixos valores obtidos nesta subescala podem dever-se ao facto dos sujeitos se mostrarem mais cautelosos na

exposição deste tipo de comportamentos, sobretudo os JAS que se encontravam a cumprir medidas tutelares educativas pela prática de crimes sexuais e, que podem por isso, ter sido mais prudentes nas suas respostas. Assim, apesar do instrumento utilizado para medir o constructo não se ter revelado o ideal para a avaliação de jovens adolescentes, pode dizer-se que sexualmente, os JAS-E se distinguem dos JAS-G, os quais em termos de características, parecem aproximar-se mais dos JAN-S.

Quanto à variável vinculação os resultados sugerem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, destacando-se o grupo de JAS-E com indicadores superiores de vinculação ansiosa/ambivalente comparativamente com os JAS-G e JAN-S. O facto dos JAS que cometem apenas crimes sexuais terem evidenciado maior vinculação ansiosa, pode revelar que os mesmos revelam pouca preocupação com os outros, estabelecendo com os mesmos relações marcadas pela ambivalência (intimidade/agressividade). O grupo de JAS-E que apresentou mais vinculação ansiosa/ambivalente foi simultaneamente o que revelou menos fantasias sexuais exploratórias, íntimas e impessoais, o que pode indicar que estes jovens, se afirmam menos predispostos para assumir relações de compromisso e menor interesse por caprichos sexuais, devido a dificuldades de relacionamento interpessoal, fruto de uma vinculação ansiosa/ambivalente. No entanto, para que esta associação fosse devidamente comprovada, a correlação entre as variáveis deveria ser analisada num estudo posterior. De uma forma geral, tal como seria esperado a vinculação revelou-se um fator importante na distinção entre os grupos de JAS generalistas e especialistas, pelo que pode ser considerado um fator relevante no surgimento dos comportamentos sexuais agressivos. Assim, também neste estudo, tal como em outros (McCormack, Hudson & Ward, 2002; Sigre-Leirós, Carvalho & Nobre, 2013; Smallbone & Dadds, 2000) se verificou que uma infância marcada por uma vinculação ambivalente e vivências ansiosas parece estar associada à violência sexual na adolescência.

Consideramos que os resultados desta investigação providenciam dados importantes sobre a diferenciação de duas tipologias de JAS (generalistas e especialistas), revelando algumas das variáveis que podem ajudar na explicação do comportamento sexual agressivo praticado por alguns jovens. Através das conclusões aqui alcançadas torna-se claro que estes jovens necessitam de avaliações e intervenções individualizadas focadas nas suas características e necessidades particulares (Andrade et al., 2006; Pullman & Seto, 2012). Com base nos resultados desta investigação, a primeira a nível nacional a estudar estes dois grupos de agressores, entendemos que, a nível clínico, os JAS-G tenderão a beneficiar de intervenções mais semelhantes aos restantes jovens delinquentes, centradas na minimização dos fatores de risco associados à delinquência juvenil. Já os JAS-E, que através deste estudo, demonstraram ter associado um percurso diferente dos restantes jovens delinquentes, beneficiariam com um programa de intervenção especializado, focado nos fatores etiológicos responsáveis pelo seu desvio comportamental em termos sexuais (Pullman et al., 2014; Pullman & Seto, 2012).

Apesar do empenho por parte dos investigadores no sentido de antecipar e reduzir ao máximo os problemas que foram surgindo ao logo do estudo, é inevitável que o mesmo apresente algumas limitações, que devem ser consideradas aquando da análise dos resultados. Uma das limitações prende-se com a falta de dados para alguns dos sujeitos da amostra, devido à impossibilidade de avaliar determinadas dimensões em alguns sujeitos, seja por desistência por parte dos mesmos durante o preenchimento dos instrumentos ou por falta de dados nos seus processos individuais. Assim, apesar da amostra total ser de grande dimensão, o número de sujeitos (em especial os JAS-E) foi reduzido em muitas das análises, o que não nos permitiu ter grupos amostrais iguais e balanceados entre si em todos os procedimentos efetuados. Por este motivo os resultados aqui expostos devem ser analisados com a devida prudência. Outra das limitações que já foi anteriormente referida, mas que nos parece

relevante salientar é o facto da amostra utilizada nesta investigação não ser representativa da população portuguesa, pelo que as conclusões aqui expostas não devem ser aplicadas ou extrapoladas para outras populações de dimensão superior.

Mais investigações são necessárias para complementar os resultados aqui alcançados e suportar a validade destas duas tipologias de JAS (especialistas – generalistas), tentando identificar as variáveis moderadoras capazes de explicar o envolvimento dos jovens em comportamentos sexualmente agressivos.

Referências

- Almeida, L. S., & Freire, T. (1997). *Metodologia da investigação em psicologia e educação*. Coimbra: APPORT.
- Andrade, J. T., Vincent, G. M., & Saleh, F. M. (2006). Juvenile sex offenders: A complex population. *Journal of Forensic Sciences*, *51*, 163-167. doi:10.1111/j.1556-4029.2005.00010.x
- Barroso, R. (2012). *Características e especificidades de jovens agressores sexuais* (Tese de Doutoramento não Publicada). Departamento de Educação da Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Buss, A. H., & Perry, M. (1992). Personality processes and individual differences: The aggression questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology*, *63*, 452-459.
- Butler, S., & Seto, M. (2002). Distinguishing two types of adolescent sex offenders. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, *4*, 83-90. doi:10.1097/00004583-200201000-00015
- Carvalho, M. (2007). *Vinculação, temperamento e processamento da informação: implicações nas perturbações emocionais e comportamentais no início da adolescência* (Tese de Doutoramento não Publicada). Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, Braga.
- Chu, C. M., & Thomas, S. D. M. (2010). Adolescent sexual offenders: The relationship between typology and recidivism. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, *22*, 218-233. doi: 10.1177/1079063210369011
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2ª ed.). Hillsdale, New Jersey: Lawrence Earlbaum Associates.
- Epps, K., & Fisher, D. (2004). A review of the research literature on young people who sexually abuse. In G. O' Reilly, W. L. Marshall, A. Carr, & R. Beckett (Eds.), *The*

- handbook of clinical intervention with people who sexually abuse* (pp. 62-102). East Sussex: Brunner-Routledge.
- Finkelhor, D., Ormrod, R., & Chaffin, M. (2009, Dezembro). Juveniles who commit sex offenses against minors. *Juvenile Justice Bulletin*. Retirado de <http://www.unh.edu/ccrc/pdf/CV171.pdf>
- Freeman, K. A., Dexter-Mazza, E. T., & Hoffman, K. C. (2005). Comparing personality characteristics of juvenile sex offenders and non-sex offending delinquent peers: A preliminary investigation. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 17, 3-12. doi: 10.1007/s11194-005-1206-8
- Hart-Kerkhoffs, L., Doreleijers, T., Jansen, L., Wijk, A., & Bullens, R. (2009). Offense related characteristics and psychosexual development of juvenile sex offenders. *Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health*, 3. doi:10.1186/1753-2000-3-19.
- Hunter, J. A., Figueiredo, A. J., Malamuth, N. M., & Becker, J. V. (2003). Juvenile sex offenders: Toward the development of a typology. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 15, 27-48. doi: 1079-0632/03/0100-0027/0
- Jespersen, A. F., Lalumière, M. L., & Seto, M. C. (2009). Sexual abuse history among adult sex offenders and non-sex offenders: A meta-analysis. *Child Abuse & Neglect*, 33, 179-192. doi:10.1016/j.chiabu.2008.07.004
- Kemper, T. S. & Kistner, J. A. (2010). An evaluation of classification criteria for juvenile sex offenders. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 22, 172–190. doi: 10.1177/1079063210366270
- Maroco, J. (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS* (3ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

- McCormack, J., Hudson, S. M., & Ward, T. (2002). Sexual offenders' perceptions of their early interpersonal relationships: An attachment perspective. *Journal of Sex Research, 39*, 85-93.
- McCuish, E. C., Lussier, P., & Corrado, R. R. (2014). Examining antisocial behavioral antecedents of juvenile sexual offenders and juvenile non-sexual offenders. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment, 20*, 1-25.
doi:10.1177/1079063213517268
- Miner, M., Borduin, C., Prescott, D., Bovensmann, H., Schepker, R., Du Bois, R., Schladale, J., Eher, R., Schmeck, K., Langfedt, T., Smit, A., & Friedeman, P. (2006). Standards of care for juvenile sexual offenders of the International Association for the Treatment of Sexual Offenders. *Sexual Offender Treatment, 1*, 1-7.
- Pullman, L. E., Leroux, E. J., Motayne, G., & Seto, M. C. (2014). Examining the developmental trajectories of adolescentsexual offenders. *Child Abuse & Neglect, 38*, 1249-1258.
- Pullman, L., & Seto, M. C. (2012). Assessment and treatment of adolescent sexual offenders: Implications of recent research on generalist versus specialist explanations. *Child Abuse & Neglect, 36*, 203-209. doi:10.1016/j.chiabu.2011.11.003
- Put, C. E., Vugt, E. S., Stams, G. J. J. M., Dekovic, M., & Laan, P. H. (2013). Differences in the prevalence and impact of risk factors for general recidivism between different types of juveniles who have committed sexual offenses (JSOS) and juveniles who have committed nonsexual offenses (NSOS). *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment, 25*, 41-68. doi: 10.1177/1079063212452615
- Rich, P. (2009). Understanding the complexities and needs of adolescent sex offenders. In A. R. Beech, L. A. Craig, & K. D. Browne (Eds.), *Assessment and treatment of sex offenders: A handbook* (pp. 431-452). West Sussex: Wiley-Blackwell.

- Seto, M. C., & Lalumière, M. L. (2010). What is so special about male adolescent sexual offending? A review and test of explanations through meta-analysis. *Psychological Bulletin, 136*, 526-575. doi: 10.1037/a0019700
- Sierra, J. C., Ortega, V., & Zubeidat, I. (2006). Confirmatory factor analysis of a spanish version of the sex fantasy questionnaire: Assessing gender differences. *Journal of Sex & Marital Therapy, 32*, 137–159. doi: 10.1080/00926230500442318
- Sigre-Leirós, V. L., Carvalho, J., & Nobre, P. (2013). Early maladaptive schemas and aggressive sexual behavior: A preliminary study with male college students. *The Journal of Sexual Medicine, 10*, 1764-1772. doi: 10.1111/j.1743-6109.2012.02875.x
- Smallbone, S. W., & Dadds, M. R. (2000). Attachment and coercive sexual behavior. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment, 12*, 3-15. doi: 1079-0632/00/0100-0003\$18.00/0
- Soothill, K., Francis, B., Sanderson, B., & Ackerley, E. (2000). Sex offenders: Specialists, generalists – or both? *British Journal of Criminology, 40*, 56-67.
- Wijk, A., Loeber, R., Vermeiren, R., Pardini, D., Bullens, R., & Doreleijers, T. (2005). Violent juvenile sex offenders compared with violent juvenile nonsex offenders: Explorative findings from the pittsburgh youth study. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment, 17*, 333-352. doi: 10.1007/s11194-005-5062-3
- Wijk, A., Vermeiren, R., Loeber, R., Hart-Kerkhoffs, L., Doreleijers, T., & Bullens, R. (2006). Juvenile sex offenders compared to non-sex offenders: A review of the literature 1995-2005. *Trauma, Violence & Abuse, 7*, 227-243. doi: 10.1177/1524838006292519
- Wolf, A. L. (2008). *Differentiating two types of juvenile sex offenders: Generalists versus specialists* (Tese de Doutoramento não Publicada). Colege of Education, Florida State University, Flórida.